



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

CECÍLIA MARIA ALVES ALBINO

**A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA:
INTERSEÇÕES HISTÓRICAS E SEU LUGAR CONTEMPORÂNEO**

**CAMPINA GRANDE
2022**

CECÍLIA MARIA ALVES ALBINO

**A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA:
INTERSECÇÕES HISTÓRICAS E SEU LUGAR CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ms. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A336r Albino, Cecília Maria Alves.

A relação entre psicanálise e política [manuscrito] :
interseções históricas e seu lugar contemporâneo / Cecília
Maria Alves Albino. - 2022.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Política. 3. Marxismo. 4. Dialética. I.

Título

21. ed. CDD 302.17

CECÍLIA MARIA ALVES ALBINO

A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA:
INTERSECÇÕES HISTÓRICAS E SEU LUGAR CONTEMPORÂNEO

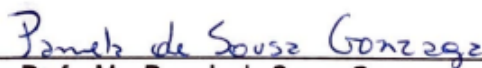
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia

Aprovada em: 04/08/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Junior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Pamela de Sousa Gonzaga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Janelma Belarmino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“A prática é o critério da verdade”

Mao Tsé-Tung

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA	6
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
3.1 CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E LACAN PARA UM DEBATE POLÍTICO	7
3.2 PSICANÁLISE E MARXISMO: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	9
3.3 A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA NA PERSPECTIVA FRANKFURTIANA	11
3.4 POR QUE PSICANÁLISE?	15
3.5 PSICANÁLISE E POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE	16
3.6 A FUNÇÃO DA PSICANÁLISE NO CAMPO POLÍTICO	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	20

A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA: INTERSECÇÕES HISTÓRICAS E SEU PAPEL CONTEMPORÂNEO

THE RELATIONSHIP BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND POLITICS: HISTORICAL INTERSECTIONS AND IT'S CONTEMPORARY ROLE

Cecília Maria Alves Albino^{1*}

RESUMO

O presente trabalho objetivou promover um debate entre política e psicanálise, trazendo para a discussão a implicação da psicanálise no espaço macrossocial. A pertinência de tal trabalho surge como uma forma de evidenciar os pontos de encontro entre a psicanálise e a política, como por exemplo suas bases epistemológicas que compartilham seu método materialista e a presença em ambas da dialética. Assim como são explorados os aspectos sociais da psique humana ligados à psicanálise, e como estes são essenciais na formação do sujeito. Ainda na análise entre política e psicanálise, são mencionados pontos de destaque sobre como organizações e sistemas econômicos e sociais impactam no manejo das intervenções em saúde. A análise é feita com a apresentação inicial da psicanálise com Freud e Lacan e segue sob a ótica de Althusser, teóricos frankfurtianos e freudomarxistas, também contando com psicanalistas brasileiros contemporâneos. Ao evidenciar a política em encontro com a psicanálise, analisa-se o que já foi dito sobre essa relação, o que está sendo discutido no presente e qual a função da psicanálise em meio a isto.

Palavras-chave: Psicanálise. Política. Marxismo. Dialética.

ABSTRACT

The present work seeks to approach the relationship between psychoanalysis and politics, analyzing the encounters of the two areas throughout history. The relevance of such work emerges as a way to show the intersection points between psychoanalysis and politics, such as their epistemological similarities. Also the social aspects of the human psyche linked to psychoanalysis are explored, and how these are essential in the formation of the subject. Furthermore, it is mentioned how organizations, as well as economic and social systems, impact the way health sector work operates. The analysis is made from the perspective of Althusser, Frankfurtian and Freudian-Marxist theorists, also counting on contemporary Brazilian psychoanalysts and essential theorists such as Freud and Lacan. By highlighting the political encounter with psychoanalysis, it is analyzed what has already been said about this relationship, what is being said in the present and what is the role of psychoanalysis in the midst of this.

Keywords: Psychoanalysis. Politics. Marxism. Dialectics.

^{1*} Graduação, UEPB/CCBS/Curso de Psicologia, Email: cecilia.alves.albino@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surge a partir do questionamento sobre os possíveis entrelaçamentos entre os campos da política e da psicanálise destacando como forma de abordagem as perspectivas teóricas que tratam essa relação ao longo dos anos e como a abordam contemporaneamente. A necessidade de explorar esse campo se dá pela observação do grande impacto que o contexto macrossocial inflige nos processos psíquicos do sujeito, tendo em vista que na perspectiva psicanalítica a formação do próprio sujeito é consequência da constituição parental que lhe é destinada, o social sendo mediado pela família. O trabalho tem por foco a perspectiva psicanalítica, mas trata-se de um debate interdisciplinar que busca entender como cada perspectiva abordou os aspectos políticos em relação ao sujeito inserido na sociedade. É estimulada então a reflexão de como o campo da psicanálise é influenciado pela política e vice-versa, além da ponderação de qual o papel da psicanálise diante da realidade política regente.

Portanto, é apresentada a perspectiva de Althusser, pensadores frankfurtianos como Adorno e Marcuse pois estes teorizaram uma relação entre psicanálise e a sociedade de forma dialética. Assim como Reich, um dos precursores desse diálogo entre as duas áreas. Há um resgate de Freud e Lacan no que foi dito por eles acerca da relação do sujeito com a sociedade e com o contexto político. Também pareceu pertinente trabalhar com psicanalistas contemporâneos brasileiros que trazem seu próprio olhar de como o neoliberalismo tem seu impacto dentro da psicanálise, a citar como exemplo Vladimir Safatle e Christian Dunker. Logo, este estudo busca promover um debate entre política e psicanálise, trazendo para a discussão a implicação da psicanálise no espaço macrossocial.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo narrativa, cujas fontes de análise foram as obras de Freud relevantes para o tema: “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia das Massas e a Análise do Eu” (1921), “O Mal-estar na Civilização” (1930), “Moisés e o Monoteísmo” (1939). De Lacan foi analisado o “Seminário 17 - O avesso da psicanálise” (1969-1970). São empregados os textos “Freud e Lacan” (1964) e “Marx e Freud” (1976) de Althusser, assim como “Eros e Civilização” (1955) de Herbert Marcuse, “Ensaio sobre psicologia social e psicanálise” (1972) de Theodor Adorno e “Materialismo Dialético e Psicanálise” (1929) de Wilhelm Reich. Bem como foram utilizadas obras contemporâneas como “Psicanálise, Ciência e Cultura” (1994) de Joel Birman e “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” (2021) organizado por Vladimir Safatle, Christian Dunker e Nelson Júnior. Também foram empregados artigos disponibilizados na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), incluídos na pesquisa os materiais bibliográficos que abordam o seguinte tema: psicanálise e política, teoria crítica, psicanálise e o social, o sujeito da psicanálise no capitalismo. Os achados desta pesquisa resultaram em tópicos de discussão que permitiram a definição de algumas categorias para análise.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 CONTRIBUIÇÕES DE FREUD E LACAN PARA UM DEBATE POLÍTICO

Ao falar de qualquer assunto relacionado à psicanálise parece oportuno voltar ao seu início, com o seu fundador. Apesar de Freud não ser conhecido por adentrar em questões políticas, apresenta sua teoria ressaltando seu aspecto social, em obras como: “Totem e Tabu” (1913), “O Mal-estar na Civilização” (1930), “Moisés e o Monoteísmo” (1939) e “Psicologia das Massas e a Análise do Eu” (1921). Nesta última o psicanalista afirma que, numa análise um pouco mais minuciosa em/tre psicologia individual e psicologia social pode-se ver que a aparente discrepância entre elas diminui. o autor irá explicitar também a impossibilidade de construir uma vida psíquica completamente individual, visto que não há uma vivência humana sem relação com uma força externa: “Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador ou adversário, e portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (1920-1923, p.10).

Ainda em *Psicologia das Massas e a Análise do Eu* (1921), Freud discorre sobre o instinto social (*herd instinct*) abrindo possibilidade de que sua natureza pode não ser inata, primária, mas que é possível presumir que esse instinto é formado num espaço como a família. Estabelecendo uma relação estreita entre psicologia das massas com a relação familiar e também com a psicologia individual, o autor afirma finalmente que “todas as ações que até agora foram objeto privilegiado da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar ser apreciadas como fenômenos sociais” (ibidem, p.11).

Sigmund Freud explora o impacto da realidade macrossocial em sua obra *Mal-estar na Civilização*, ao dissertar sobre as angústias do homem que vive inserido na cultura, sua passagem de um estado comandado pelo princípio de prazer até sua superação traumática pelo princípio de realidade (FREUD, 1930-1936, p.21). Fala do eterno conflito entre sociedade e sujeito, do sacrifício da libido como o preço que se paga ao viver em sociedade. Coloca em foco o funcionamento social também em sua obra *Totem e Tabu* (1912-1914), onde Freud faz uma análise antropológica e psicológica procurando pontos em comum entre a vida mental do neurótico moderno com o funcionamento de culturas primitivas. Encontra semelhanças entre os dois assinaladas com horror ao incesto ou a onipotência dos pensamentos, mencionando como exemplo deste último o funcionamento do neurótico obsessivo. O autor trabalha com a definição de tabu de Wundt, citada como “toda proibição, estabelecida nos usos e costumes ou em leis expressamente formuladas, de tocar num objeto, reivindicá-lo para uso próprio ou utilizar certas palavras proibidas” (WUNDT apud FREUD, 1912-1914, p.31). Diante disto o psicanalista então conclui que “não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu” (1912-1914, p.31)

Logo é possível observar entre seus escritos que Sigmund Freud transitava entre ciências médicas e ciências sociais, utilizando seu conhecimento destas como ponte para chegar a sua teoria da psique. A articulação do sujeito com a sociedade

aparece como uma relação estreita em seus conceitos, apesar de em sua formulação isso não ficar tão explícito; provavelmente por causa de seu contexto: a ideologia da época exaltava o antagonismo entre o individual e o social. Mas ao utilizar os termos “mundo externo” ou “realidade”, Freud revela os impactos da cultura e da sociedade em sua obra. Quanto à relação entre a cultura e psique individual, o autor afirma na obra *Moisés e Monoteísmo* que “(...) não acho que ganhemos alguma coisa introduzindo o conceito de um inconsciente ‘coletivo’. O conteúdo do inconsciente, na verdade, é, seja lá como for, uma propriedade universal, coletiva, da humanidade” (FREUD, 1937-1939, p. 84), deixando clara a interdependência dos dois aspectos.

A relação entre sujeito e sociedade que é retratada por Jacques Lacan será construída por outro caminho. O seu *seminário 17 - O avesso da psicanálise* é introduzido com a frase “o discurso como sem palavras” (1992, p.9). A obra é relevante pois o autor discorre sobre o conceito de discurso, suas diferentes formas, e como estas incidem na sociedade e no sujeito. O discurso como uma forma de laço social que vai além do dito, porém, que depende de relações sociais para perdurar. Sendo o discurso um produto da articulação de uma cadeia significante, é apresentado sob a forma de quatro configurações significantes: a da histórica, a do analista, do universitário e do mestre (além do capitalista, citado posteriormente como o quinto discurso). O presente artigo tem enfoque nestes dois últimos: mestre e capitalista, pois são um reflexo mais evidente do regime político e ordem social.

Lacan precede a apresentação da fórmula do discurso do mestre como chegou a idealizá-la: fala sobre a figura do escravo e como na antiguidade ele fazia função dentro da família, como possuidor do *savoir-faire*^{2*}. Lacan então analisa o movimento feito nesse contexto como semelhante, afirma o próprio francês, a essência da história da filosofia: o senhor expropriando o saber-fazer do escravo (1992, p.19-20).

$$\begin{array}{ccc}
 & M & \\
 S_1 & \longrightarrow & S_2 \\
 \hline
 \$ & & a
 \end{array}$$

Fórmula do discurso do mestre. Fonte: Seminário 17 - Jacques Lacan (1992).

Tomando S1 como o significante mestre, S2 como saber, \$ como o sujeito dividido e “a” como causa de gozo, pode-se começar a destrinchar essa fórmula. A essência do discurso do mestre é sua exclusão da fantasia. É possível observar que o S1 possui uma seta para S2, mostrando sua ligação, no entanto não há comunicação entre o sujeito dividido “\$” e o objeto “a”, em outras ilustrações da

^{2*} A dialética senhor-escravo funciona deste modo: o escravo possuía o saber fazer, o conhecimento sobre a prática, então sua função dentro da família era de suporte do saber, saber este que o senhor expropria. O discurso do mestre remete a isto pois ele expropria um conhecimento que é real, mas o deturpa e o transmite em favor de seus interesses, afinal o senhor nada quer saber, ele só quer que as coisas andem.

fórmula sendo até colocadas duas barras “//” entre os denominadores para demonstrar essa interdição da fantasia. Sobre essa interdição, Lacan fala que “(...) o discurso do mestre exclui a fantasia. E é isto exatamente o que faz dele, em seu fundamento, totalmente cego” (1992, p.101). Trata-se de um discurso que não está interessado em saber, mas sim em apenas fazer com que as coisas andem, e para isso, é necessário recalcar aquilo que é da ordem do sujeito.

O próprio ideal de uma formalização onde tudo é conta (...), Este é o que faz com que se instaure, no lugar do senhor, uma articulação eminentemente nova do saber, completamente redutível formalmente, e que surja, no lugar do escravo, não uma coisa que iria se inserir de algum modo na ordem desse saber, mas que é antes seu produto (ibidem, p.76)

O que surge então é uma nova articulação, denominada discurso do capitalista, que como analisa Coelho: “não é propriamente um outro discurso, mas uma forma mais contemporânea de pensar o discurso do Mestre” (2003, p.111). Lacan cita o processo que Marx denomina de espoliação (acúmulo de riqueza na mão de poucos) como processo similar ao da construção desse discurso. Fala sobre o acúmulo de gozo e como essa mais-valia teorizada por Marx denuncia seu equivalente, o mais-de-gozar: “A sociedade de consumidores adquire seu sentido quando ao ‘elemento’ que se qualifica de humano, se dá o equivalente homogêneo de um mais-de-gozar qualquer, que é o produto de nossa indústria, um mais-de-gozar forjado” (Lacan, 1992, p.76). O mais de gozar é vendido como produto no capitalismo, na mão do sujeito um artefato que dribla seu encontro com a castração. Diz: “E a quanto aos pequenos objetos que vão encontrar ao sair, (...) atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como latusas (ibid, p.153). Lacan afirma ainda que algo de muito atraente sobre o mais-de-gozar é que este pode ser bancado.

A verdade então é negligenciada no discurso do mestre na medida que esse tudo-saber será assumido pelo senhor, tudo-saber esse que foi expropriado do escravo, e espalhado sob forma de discurso. Lacan (ibid, p. 30) denomina isso “a nova tirania do saber”. Em contraposição ao discurso do mestre existe o discurso do analista, sua fórmula sendo articulada como oposta a (ou a três quartos de giro) do mestre. Nele o “a” agora representa o objeto de desejo, tanto é que este causa o sujeito dividido (\$). É um discurso que escancara a falta, e que, segundo Lacan (1992), está “no polo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar” (p.65-66).

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Fórmula do discurso do analista. Fonte: Seminário 17 - Jacques Lacan (1992).

Em seu seminário 17 Lacan adentra ainda sobre essa forma do discurso do analista, mais especificamente sobre como a verdade encontra-se naquilo que é semi-dito. Tal afirmação vai contra o discurso do mestre, do capitalista, da ciência, Lacan (ibid, p.103) fala além disso que esses três discursos têm um vínculo estreito entre si. Opondo-se a eles, Jacques Lacan afirma que a melhor representação da

verdade será sob a forma do mito; como um semi-dizer; “um saber que não se sabe” (ibid, p.27). É justamente a elaboração do discurso do analista (e também sua presença na forma em como Lacan constrói sua obra) o que torna a obra do francês, em sua fundamentação, disruptiva: constrói uma dinâmica contrária tanto ao sistema socioeconômico presente, quanto a hegemonia do discurso que o sustenta.

3.2 PSICANÁLISE E MARXISMO: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Os comentários sobre a relação entre psicanálise e política podem ser muito brandos, mas em diversos pontos da história, essa relação se deu por meio do marxismo, e em como as duas teorias se aproximavam epistemologicamente. Os autores que se destacam ao explorar essa hipótese são Reich e Althusser.

Um dos pioneiros a tentar fazer um diálogo entre política e psicanálise foi Wilhelm Reich. O autor se aprofunda nesse diálogo em seu livro “Materialismo Dialético e Psicanálise” apesar de no futuro ter sido expulso de ambos os espaços: foi afastado tanto do Partido Comunista quanto da Sociedade Psicanalítica de Viena (FRAZÃO, 2017).

Em seu livro Reich de início assinala a impossibilidade de tornar a psicanálise uma concepção de mundo (*Weltanschauung*), assim como fala que qualquer um que o tente está abandonando o seu domínio da psicanálise, além de ir contra o que pensava o próprio criador essa teoria (1977, p.9). Reich diz que a psicanálise não foi pensada para ser uma cosmovisão nem é capaz de criar uma própria, sendo seu objeto de estudo apenas a vida psíquica do homem social (ibid, p.9-10). O autor acreditava muito mais que o marxismo e psicanálise eram “ciências-irmãs” e que dariam conta do social juntas: a primeira dando conta dos fenômenos sociais e a segunda dos fenômenos psíquicos do ser social (ibid, p.11).

Wilhelm Reich discorre sobre as semelhanças entre os dois campos de estudo, falando inicialmente dos prejuízos dos dissidentes dentro de cada campo, como formuladores de um marxismo “não revolucionário” ou de psicanalistas “do ego”. Discorre que “Nas mãos dos reformistas a psicanálise sofre a mesma sorte que o marxismo vivo; aviltamento e dissolução” (ibid, p.14). Segue falando sobre as semelhanças epistemológicas entre o marxismo e a psicanálise, ressaltando como seu ponto comum a presença da dialética.

A noção freudiana de repetição desempenha um importante papel na psicologia do desenvolvimento psíquico e surge a um exame profundo como perfeitamente dialética. No que foi reproduzido encontramos o que é antigo e o que é completamente novo, o antigo disfarçado numa nova aparência ou numa nova função. Já vimos isto no sintoma. Acontece o mesmo na sublimação (REICH, 1977, p.52)

Reich relata que a psicanálise não é uma cosmovisão, mas que ela atua dentro de uma, e é submetida a agir de acordo com os valores da concepção na qual é inserida (ibid, p.70). Expressa seu repúdio a influência que a moral sexual burguesa tem sobre a psicanálise tornando-a apenas “um bom negócio” ou “uma moda que permitia [a burguesia] saciar a sua lubricidade” (ibid, p.67). Era da opinião de Reich que no socialismo se é instaurada uma nova moral e uma outra economia, sendo esse sistema o único no qual a psicanálise teria um futuro (ibid, p.69).

Louis Althusser, por sua vez, foi um filósofo que trabalhou sob uma perspectiva diferente de outros teóricos citados. Não foi frankfurtiano da teoria crítica e também não foi adepto da corrente freudomarxista, trabalhou por si só conceitos do marxismo estrutural e os associou à psicanálise, especialmente em seus textos “Freud e Lacan” e “Marx e Freud”.

Althusser demonstra sua admiração pela psicanálise em “Freud e Lacan” por ver a revolução que o campo psicanalítico trouxe, assim como a considera uma nova ciência dentro do materialismo (2000, p.13), como será explanado mais adiante. Como fator comum entre psicanálise e marxismo, o filósofo destaca também o revisionismo e a “prodigiosa exploração ideológica da qual a psicanálise foi objeto e vítima” (ibid, p. 47), nesta, a psicanálise foi reduzida a outras ciências prévias como biologia, sociologia, etc . O autor dá como exemplo desse revisionismo a escola americana, sobre os que tentaram inserir um campo tão disruptivo como a psicanálise no âmbito de outras ciências para ela melhor ser aceita, Althusser opina que “Não se precaveram contra o aspecto suspeito desse acordo, acreditando que o mundo se rendia as suas razões - quando eles próprios se rendiam, a sombra de suas honrarias, as razões desse mundo” (ibid, p.57). Adentra o assunto dizendo que os marxistas também sofreram com as distorções impostas a sua teoria, e que, para evitar o revisionismo na psicanálise, é essencial um legítimo retorno a Freud (ibid, 48-49).

O autor discorre, agora em “Marx e Freud”, que houve duas concepções inesperadas que desestabilizaram as normas sociais burguesas: o Materialismo Histórico e o Inconsciente. Ambos considerados conceitos “concretos”, Althusser afirma que nem Freud nem Marx inventaram nada, apenas conceituaram objetos preexistentes e construíram formas de conhecimento ao redor deles (ibid, p.75-76). O filósofo chega a intitular Freud de materialista:

Se a tese mínima que define o materialismo é a existência da realidade fora do pensamento ou consciência, Freud é, desde o início, materialista, já que nega a primazia da consciência, não só do conhecimento, mas também *na própria consciência*, e nega, além disso, a primazia da consciência na Psicologia, para pensar o *aparelho psíquico* como um todo, em que o ego ou o *consciente* nada mais é senão uma instância, parte, ou efeito. (ibidem, p.77)

A realidade é que nos dois âmbitos tanto na psicanálise quanto na política há um reflexo do que é construído como a ideologia do homem. Louis Althusser explica isso falando sobre os ideais neopositivistas, que dominam a ciência atual, assim como servem de padrão para o modelo capitalista. O argelino fala que esses ideais constroem uma ideia de homem que basta por si mesmo, além de construir uma filosofia da consciência, onde tudo é sabido, seja empiricamente ou transcendentalmente (ibid, p.84). Se refere a isto como “forma filosófica da ideologia burguesa” porque é a ela a quem essas concepções servem. Um sujeito sob essa ideologia precisa ser consciente e individual pois é sendo indivíduo que não se reconhece as influências socioeconômicas e a luta de classes, e é sendo consciente que se responsabiliza um sujeito para que se possa submetê-los à norma regente (ibid, p. 84,85 e 86). Finalmente, sobre a problemática da ideologia da consciência o autor menciona Karl Marx:

Assim, Marx rechaça a idéia de que se pudesse encontrar no homem, como sujeito de suas necessidades, não só a explicação última da sociedade, mas, também, e isso é fundamental, a explicação do homem como sujeito, ou seja, como unidade idêntica a si e identificável por si, em especial por esse *por si* por excelência que é a consciência de si. Regra fundamental do materialismo: *não julgar o ser por sua consciência de si!* uma vez que todo ser é algo distinto de sua consciência de si.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA NA PERSPECTIVA FRANKFURTIANA

Durante a história os pontos de intersecção entre psicanálise e política foram diversos, no entanto apenas algumas correntes exploraram esse encontro de forma mais explícita. Destaca-se na história a visão freudomarxista que busca uma relação mais próxima entre psicanálise e política, unindo-as em prol de uma nova perspectiva. Iniciou com Reich sob a perspectiva bioenergética, depois por meio da teoria crítica na escola frankfurtiana. Por fim, Althusser trabalhou a relação da psicanálise e marxismo partindo de pressupostos trazidos por Lacan. O presente tópico abrange os teóricos ainda não debatidos: Marcuse e Adorno, ambos adeptos da teoria crítica.

Marcuse emprega a obra de Freud, *O Mal-estar na Civilização* ao escrever sua análise sobre a renúncia obrigatória ao sujeito inserido na cultura. O prazer irrestrito torna-se impossível de realizar-se dentro sociedade civilizada, cujo custo do progresso é o sacrifício da satisfação; a felicidade não tem valor dentro da cultura. O próprio Herbert Marcuse afirma que “o sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura” (MARCUSE, 1975, p.27).

A dominação do princípio de realidade sobre o princípio do prazer não se dá como evento isolado. Ela pode ser observada filogeneticamente, ao analisar a horda primordial, quando a coerção de abdicar do prazer e do poder é imposta pelo pai para seus filhos. Também pode ser analisado sob uma perspectiva ontogenética, observando o período da infância de um indivíduo e como a renúncia do princípio do prazer e a imposição do princípio da realidade, são referendados pelos pais e outras autoridades (MARCUSE, 1975, p.36).

Herbert Marcuse (Ibidem) também atentou para o fato de que o princípio do prazer não se extingue, seu domínio nunca é completamente estabelecido, tanto é que este domínio precisa ser constantemente reiterado. A repressão, expressão usada pelo autor para denominar essa interrupção do princípio do prazer, constituiu um outro nome para o então denominado princípio de realidade. Ela necessita ser contínua pois o princípio do prazer persiste tanto na civilização quanto no inconsciente do sujeito, buscando seu retorno. Marcuse apontou uma historicidade do fenômeno da repressão:

O retorno do reprimido compõe a história proibida e subterrânea da civilização. E a exploração dessa história revela não só o segredo do indivíduo, mas também o da civilização. A Psicologia Individual, de Freud, é em sua própria essência uma Psicologia Social. A repressão é um fenômeno histórico. (1975, p.36-37)

A repressão, segundo Marcuse (1975, 52-53), é influenciada pelo seu meio, sendo a realidade macroeconômica e os modos de produção grandes influências sobre como a repressão atua dentro de uma civilização. Isso ocorre, pois, este princípio funciona dentro de uma rede de leis e valores particulares, veiculadas pelas instituições e relações sociais, as quais irão ditar a forma de modificação instintual que cada cultura irá demandar. A restrição libidinal sempre existe dentro da civilização, mas ela aumenta sob o regime do capitalismo. O autor esclarece:

Além disso, embora qualquer forma do princípio de realidade exija um considerável grau e âmbito de controle repressivo sobre os instintos, as instituições históricas específicas do princípio de realidade e os interesses específicos de dominação introduzem controles adicionais acima e além dos indispensáveis à associação civilizada humana. Esses controles adicionais, gerados pelas instituições específicas de dominação, receberam de nós o nome de mais-repressão. (MARCUSE. 1975, p.52-53)

Na tentativa de encontrar um indício de historicidade na constituição do sujeito na obra de Freud, Marcuse resgatou a hipótese freudiana sobre a existência de uma herança arcaica do homem, que consiste na experiência de dominação que resulta no ego do sujeito civilizado (ibidem, p.68). Marcuse vê essa hipótese levantada por Freud como uma teoria que "(...) encaixa, numa sequência de eventos catastróficos, toda a dialética histórica de dominação" (ibidem, p.69-70). O filósofo toma a especulação freudiana pelo seu valor simbólico, como evidência de uma civilização que progride com base na dominação organizada, que afeta na formação do sujeito.

Ao trabalhar com a questão da repressão, Marcuse (1975) adentra a transformação do princípio da realidade dentro do trabalho, antes, sendo júbilo, tarefa prazerosa, passa a ser labuta, atravessada por sofrimento. O autor então, traz dois conceitos, o primeiro deles sendo Mais-Repressão, que se diferencia da repressão por ser aplicada de forma excessiva pela dominação social, enquanto que a repressão é a modificação dos instintos necessários em qualquer civilização, como preço para a conservação da humanidade. O segundo conceito é o Princípio de Desempenho, que consiste no princípio de realidade freudiano, porém em sua forma exacerbada e que apenas existe dentro de um regime socioeconômico repressivo. Ambos conceitos tentam assinalar que a sociedade moderna e sua forma de repressão e princípio de realidade são aplicados de forma excessivamente dominadora e punitiva sobre o sujeito que nela vive. A repressão que ocorre na civilização não precisa acontecer deste modo, ao que o autor remete ao campo do trabalho: "O conflito irreconciliável não é entre o trabalho (princípio de realidade) e Eros (princípio de prazer), mas entre o trabalho alienado (princípio de desempenho) e Eros." (MARCUSE, 1975 p.60). A mais-repressão será resultado de condições sociais particulares, ocorridas pela busca do benefício da dominação, portanto ao reduzir a mais-repressão, a sociedade por sua vez torna-se menos repressiva. (ibidem, p.89).

Tendo em vista o impacto do sistema de dominação organizado no indivíduo socializado, assim como no funcionamento da repressão e do princípio de realidade sobre ele, Marcuse irá discorrer sobre a vida do sujeito no mundo organizado. Ressalta a influência dos monopólios políticos, culturais e econômicos sobre a administração dos instintos, o superego organizando a repressão de forma coletiva, tomando todos os espaços extrafamiliares possíveis, exercendo seu domínio pelas

instituições (ibidem, p.97). A socialização toma imensas proporções, atravessando a vida do sujeito cultural cada vez mais, especialmente tomando como instrumento para disseminação da ideologia dominante o veículo midiático direcionado às massas. A racionalização do mecanismo produtivo e a dominação hegemônica que se apresentam sob forma administrativa também se caracterizam pelo anonimato do poder. O Pai irá ocultar-se atrás das instituições. O poder se dissolve dentro da burocracia, formando um sistema perfeitamente concebido para a exploração e repressão exponencial, porém sem um responsável concreto não há a quem acusar por isso.

Essa administração científica repercute tanto no Eros quanto em Thanatos. A pulsão de vida e busca do prazer será redirecionada para a mercadoria do capitalismo, se convertendo em objeto da libido. Diante da realidade de submissão a esse sistema de administração e perda de liberdade do sujeito, os instintos, assim como suas restrições e alterações, sofrem mudanças. O filósofo irá analisar:

Sua dinâmica original torna-se estática; as interações do ego, superego e id congelam-se em reações automáticas. A corporalização do superego é acompanhada da corporalização do ego, manifesta nos traços e gestos petrificados que se produzem nas ocasiões e horas apropriadas. A consciência, cada vez menos sobrecarregada de autonomia, tende a reduzir-se à tarefa de regular a coordenação entre o indivíduo e o todo. MARCUSE (1975, p.101)

Desconstruindo a crença de um bem-estar proveniente da estrutura proposta de Estado de Bem-Estar Social (pois esse ainda estaria de acordo com os interesses do capital, apenas com um pouco mais de concessões do estado) Marcuse sugere que o homem evite a fatalidade desse modo de Estado. É necessário, ele fala, a ocorrência de um Estado Beligerante para assim permitir a construção de um novo sistema, provindo de um outro início, que esse seja desprovido do domínio sistemático e da exploração racionalizada do sujeito (ibidem, p.15). A perspectiva de um princípio do prazer, em contradição, mas não necessariamente inconciliável com o princípio da realidade é um dos aspectos que Marcuse busca com a criação desse novo sistema. São pertinentes as palavras do autor: “Mas, na sociedade administrativa, a necessidade biológica não redundava imediatamente em ação; a organização exige contra-organização. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política” (ibidem p.23)

Ao fazer uma indagação de qual o papel diante disso vê-se que a psicanálise prática que pretende trabalhar num contexto capitalista deverá derrubar as barreiras de sua teoria com a ciência política e com a filosofia social. É necessária a construção de uma psicologia que adentre um olhar macrossocial tendo em vista que nessa realidade “os problemas psicológicos tornam-se problemas políticos: a perturbação particular reflete mais diretamente do que antes a perturbação do todo, e a cura dos distúrbios pessoais depende mais diretamente do que antes da cura de uma desordem geral” (MARCUSE, 1975, p.25).

Theodor Adorno divide a mesma corrente com Marcuse, ambos trilharam o caminho da escola frankfurtiana. Apesar de ambos buscarem por sua vez, ao trabalhar sob perspectiva analítica, buscou um diálogo concreto desta com a realidade socioeconômica. Julgou a análise socioeconômica de Freud como reprovável pois este considerou “estruturas sociais e econômicas como mero efeito

de impulsos psicológicos, que surgiriam eles mesmos de uma constituição pulsional humana mais ou menos a-histórica” (ADORNO, 2015a, p.43). O que Adorno buscava era uma sociologização da psicanálise (ibidem, p.20) mantendo a teoria psicanalítica como perspectiva relevante, porém com uma análise concreta do campo macroeconômico e social, fugindo de uma análise psicologizante de tais fenômenos, mas reconhecendo seus impactos na subjetividade humana. Seu companheiro de corrente Herbert Marcuse também acreditava na possibilidade de que, dentro das noções psicológicas, seria possível desenvolver aspectos políticos e sociológicos. Porém, ao contrário de Adorno, afirmava que a teoria freudiana por si mesma já é, em sua essência, sociológica, dispensando a necessidade de alterações em orientações para evidenciar esse aspecto (MARCUSE, 1975, 28-29).

Adorno também trouxe uma perspectiva crítica ao observar o capitalismo e suas nocivas repercussões. Ao contemplar que, “indivíduo e sociedade encontram-se cindidos frente a uma sociedade que obtém sua unidade e integração do fato de não ser unitária ou igualitária” (ADORNO apud GOMIDE, 2011, p.122), notou o impacto da ultra individualização dos seres humanos de forma que “não conseguem reconhecer-se na sociedade e esta não se reconhece em si mesma porque eles são alienados entre si e em relação ao todo.”(ADORNO, 2015b, p.44-45). Em seu trabalho sobre a relação da psicologia e sociologia, Adorno como citado por Gomide (2011, p.122) fala dessa individualização como resultado de uma coerção socioeconômica externa, sendo a subjetividade, num processo que custará sua particularidade, agora colocada a serviço de uma instância representativa do poder e controle. A utilização da abordagem psicanalítica por Adorno diante disso se dá pois:

A defesa que Adorno faz da psicanálise e de sua relação com a teoria crítica se baseia no conceito de que o particular individual descrito por Freud seria uma via de entendimento e de esclarecimento dos determinantes sociais que o atravessam, pois a irracionalidade do sistema manifesta-se na psicologia do sujeito cativo sem que o mesmo tenha total consciência disso. (Gomide, 2011, p.123)

Ao associar a perspectiva materialista histórica e a visão psicanalítica de sujeito, Gomide (2011, p.123) acrescenta que o caráter conflituoso apresentado pelo sujeito sob a ótica da psicanálise em si já é uma negação de uma psicologia que se apresenta como individual, supondo autonomia e liberdade do sujeito, pois a aplicação desta não seria possível diante de uma sociedade que não é livre.

Adorno (2015, p.62) exalta a importância da psicanálise em seu viés crítico, e seu papel de expor as condições objetivas destrutivas que impedem a ocorrência de uma particularização efetiva do sujeito. Diz o autor: “A teoria analítica denuncia a não liberdade e a humilhação dos seres humanos na sociedade não livre de forma semelhante a como a crítica materialista o fez em relação a um estado de coisas cegamente dominado pela economia” (ibidem). A psicologia, em seu sentido mais brando, se torna um instrumento importante por sua capacidade de incorporar essa ideologia destrutiva do sujeito, ou podendo ser utilizada em combate a esta.

3.4 POR QUE PSICANÁLISE?

Ao mencionar a psicologia, é pertinente refletir porque a psicanálise e não a psicologia está sendo colocada como uma ferramenta que foge a essa dinâmica do

capital. Politzer é um grande crítico da psicologia, fazendo um livro dedicado a isto, intitulado “Crítica aos fundamentos da psicologia”. Em seu livro discorre sobre a ideia de que a psicanálise se apresenta como saber concreto, uma teoria que atua diante a realidade psíquica de forma precisa. Quanto à psicologia, descreve esta como uma “ciência de discussão, uma erística”, com finalidade última de vencer um debate teórico, sem preocupar-se com a verdade (1998, p.54). Afirma finalmente que: “O psicólogo nada sabe e nada pode. É o primo pobre na grande família de servos da ciência. Só se alimenta de esperanças e de ilusões: deixa aos outros a matéria para contentar-se com a forma, pois acima de todas suas misérias, ele continua um esteta” (ibidem)

Ao aprofundar-se na teoria psicanalítica, Politzer afirma que esta permite uma verdadeira sabedoria, quando esta inverte a forma de análise comum da psicologia clássica: ao invés de ligar o sintoma do sujeito a uma classificação prévia, os fatos psicológicos são analisados em função do sujeito (1998, p. 62). Afirma que ao tirar o sujeito dos fatos psicológicos é aniquilar os próprios fatos, assim como também é uma forma de deslegitimar sua própria ciência, reduzindo-a a uma fabulação (1998, p. 64).

Lacan teve oportunidade de ler obras de Politzer e, apesar de ter críticas ao formato de suas concepções, julgou seu trabalho como pioneiro e com boas propostas. Afirma:

(...)esse livro dá testemunho de uma luta singular, pois Politzer não pode deixar de sentir o quanto a prática analítica está próxima, de fato, ao que ele idealmente delineia como estando inteiramente fora do campo de tudo o que até então se fez como psicologia. (LACAN, 1992, p.61)

Althusser também se utiliza das ideias de Georges Politzer, falando em seu texto “Freud e Lacan”, que o húngaro foi o primeiro a reconhecer a dimensão revolucionária da teoria psicanalítica (ALTHUSSER, 2000, p.68). Bem como fala que Politzer enfatizava sua busca pelo concreto, mas como que este encontrou concretude num campo de estudo tão abstrato como a psicanálise? Althusser frisa então que “nenhuma ciência pode abster-se de abstração” (ibidem) e que a relação com o concreto se dá justamente na prática analítica, na sua aplicação, e que seus conceitos abstratos nada passam de uma observação da realidade dos dramas individuais (ibid, 69).

3.5 PSICANÁLISE E POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Adentrando nas discussões atuais sobre psicanálise e ideologia dominante, a obra “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”, organizada por Vladimir Safatle, Nelson Junior e Christian Dunker, aborda o impacto do modo de produção neoliberal no sofrimento contemporâneo. Sob a perspectiva da psicanálise, o livro tece uma crítica a adaptação da clínica aos modos econômicos vigentes. Ao analisar o sistema econômico atual nota-se que este não se limita apenas a um ideal político ou uma forma de disciplina, mas que interfere no modo de sofrimento do sujeito, assim como na nomeação desse sofrimento e em como ocorrerá a intervenção nele (DUNKER, JUNIOR, SAFATLE, 2021, p.7).

Podemos falar em “instauração” porque a força do neoliberalismo é performativa. Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideais, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos, e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento. (ibidem)

Vladimir Safatle se aprofunda na sua crítica no primeiro capítulo do livro, intitulado “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. Nele, afirma que o modo econômico traz consigo um conjunto de práticas e ideais a serem internalizados por aqueles que desejam ser reconhecidos dentro da sociedade, ideais estes que vão impactar diretamente na produção da psicologia naquele contexto (2021, p.26). Reconhecendo o impacto do sistema socioeconômico na gestão social de subjetividades, chega-se à conclusão que não se sofre da mesma maneira dentro e fora do neoliberalismo. Desenvolve ainda que há o aspecto dinâmico da doença a ser considerado, e que não pode ser analisado fora de contexto político pois “o sofrimento psíquico guarda uma dimensão de expressão de recusa e de revolta contra o sistema social de normas” (ibidem).

Sobre a formação de uma categoria clínica, Safatle defende que esta não ocorre por meio do discernimento entre elementos naturais, mas que é ligada diretamente com o campo da linguagem. O autor descreve as categorias psiquiátricas como processos performativos e que a gramática utilizada na clínica serve como ferramenta para inserir os valores da ideologia vigente na ordem psíquica (ibid, p.28). O contexto neoliberal irá determinar a legitimidade de cada forma de sofrimento e também apontará a forma de tratá-lo, procedimento que não pode ser considerado unicamente clínico, mas dependente da política desenvolvida pelo sistema regente (SAFATLE; DUNKER; JUNIOR, 2021, p.8). Essa interferência do sistema vigente pode ser chamada de controle da gramática do sofrimento, e como é afirmado por Safatle, Dunker e Junior (2021, p.9), “controlar a gramática do sofrimento é um dos eixos fundamentais do poder”.

Safatle discorre sobre a importância do exame do conjunto de valores que interferem na atuação sobre o sofrimento psíquico, reforçando o que chama de “natureza não realista” do saber clínico. Afinal, não se trata de uma análise exclusivamente epistemológica visto a relevância do sistema de valores ao se tratar da clínica do sofrimento psíquico, observada por Safatle ao analisar diversas pesquisas sobre o assunto. O autor então irá estimular o questionamento de que sistema de valores será esse; e se não é neutro a quem esses valores servem? (2021, p.27). Ao trabalhar na área de saúde mental é importante buscar a origem do discurso normativo, notar como interfere nas práticas terapêuticas e ponderar se esses reflexos da cultura, economia e política servem para o propósito de uma prática clínica. O encargo atribuído aos profissionais de saúde nesse contexto remete ao que Foucault conceituou como “função-psi”, uma forma de disciplinar os indisciplináveis, “E creio que essa função (...), qual é ela, senão ser os agentes da organização de um dispositivo disciplinar que vai se ligar, se precipitar onde se produz um hiato na soberania familiar?” (FOUCAULT, 2006, p. 106).

No capítulo “O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo” o conjunto de autores destaca que a lógica de funcionamento do

capital necessita de teorias que se adequam a sua ideologia. É aí que surgem teorias que colocam o indivíduo como destaque e centro de tudo.

“A hipertrofia da ação individual chega a seu ponto máximo na doutrina neoliberal, cuja expressão mais significativa é o conceito de ‘capital humano’(...). Esse conceito implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autovalorização constante, mediada pela lógica da mercadoria.” (SAFATLE; DUNKER; JUNIOR, 2021, p.40)

Observa-se então que as teses disseminadas que incentivam a lógica do capital tornam-se muito eficientes ao serem internalizadas pelo sujeito. A imposição desses ideais será reiterada pelo próprio indivíduo pois esse será convencido que vive um autogoverno, tudo depende apenas de si mesmo, não se fazendo necessário as ordens autoritárias explícitas (ibid, p.41). A forma de gestão contemporânea é muito mais sutil e utiliza o próprio sujeito como agente e perpetrador dela.

Posteriormente, o capítulo “A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si” adentra em como o estabelecimento da psiquiatria surge como recurso do sistema vigente para lidar com o que resiste à lógica de produção capitalista (ibid, p.117). Afinal, é possível ver com certa facilidade o discurso que ronda a clínica psicológica contemporânea: uma pregação do aprimoramento. É um sistema que preza pela “recodificação de todos os processos sociais e subjetivos na sintaxe de maximização de lucros” (ibid, p.119), e isso terá seus efeitos na clínica, tanto no sintoma do paciente como no psicólogo que será convocado a ser um instrumento que serve a essa lógica de produção. É desta forma que o sofrimento, antes transformado em sintoma, agora sob a ideologia neoliberal será transformado em gozo tomando sua forma repetitiva e de excesso, que irá influenciar na forma de consumo e produtividade do sujeito (ibid, p.119). Isso se torna uma vantagem do ponto de vista econômico pois:

A forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço e uma métrica (ibid, p.7)

Ocorre também uma união estreita e impelida pelo contexto, entre biologia e psicologia, de forma que é disseminada a crença de que todo distúrbio mental tem, na verdade, uma origem puramente biológica, sendo assim isento de contexto histórico e social e tornando dispensável toda a subjetividade do paciente. Isso não implica apenas em como o profissional de saúde vai tratar do transtorno, mas também é uma ideologia que chega no cidadão comum: o próprio paciente irá enxergar seu problema como um mero desequilíbrio biológico. Como é citado, "o biológico acaba sendo, na psiquiatria, o refúgio do transcendental e, assim, campo privilegiado de ocultamento das mediações sociais e políticas dos fenômenos psíquicos" (ROSE, 2013, apud SAFATLE; DUNKER; JUNIOR, 2021, p.134).

O controle da gramática do sofrimento pela lógica neoliberal, tendo como exemplo o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), juntamente com a biologização do sofrimento, terão imensa influência no que o paciente espera na clínica. Dunker em seu capítulo “A hipótese depressiva” investiga a popularidade da depressão, o que a fez se tornar um sofrimento alastrado pelo

mundo. Fala que a compreensão de depressão entra em concordância com a forma que se é ensinado a entender os conflitos do sujeito, nomeia essa forma de egossintônica. Explica:

Diz-se que um sintoma é egossintônico quando há uma identificação que encobre o conflito entre desejo e narcisismo de tal maneira que o sujeito passa a amar seu sintoma como a si mesmo, a defendê-lo como uma forma de vida, quando não a impô-lo aos outro como uma espécie de generalização de sua identificação (SAFATLE; DUNKER; JUNIOR, 2021, p.174)

Um outro fato ocorrente é a desresponsabilização do sujeito, visto que a assimilação do diagnóstico como um processo orgânico e isolado tem como consequência a transformação do paciente em alguém incapaz de fazer algo sobre sua própria condição (ibid, p.135). O analista deve estar ciente e arrumar caminhos para lidar com essa nova forma de sofrer.

3.6 A FUNÇÃO DA PSICANÁLISE NO CAMPO POLÍTICO

Birman irá analisar em seu livro “Psicanálise, Ciência e Cultura” a relação da psicanálise com a política, afirmando ser um dos tópicos mais acalorados da história psicanalítica, devido a acusação da abordagem como “neutra”, isso quando não era taxada de burguesa, e sobre constante demanda de um engajamento político maior por parte da psicanálise. (1994, p.97)

O autor interpreta em sua leitura de Freud, que a ordem cultural estará presente no sujeito psicanalítico, sendo este sempre um *ser de conflito*. A harmonia absoluta entre o sujeito e a cultura encontra-se no campo do impossível, sendo esses dois destinados ao desacordo (1994, p.102). Isso assinalaria a impossibilidade da psicanálise se tornar uma *Weltanschauung*, uma concepção de mundo, já que a mente humana sempre se encontra em conflito com a sociedade, não haveria como a psicanálise criar um modelo ideal para esta. O reconhecimento por Freud da cultura como essencial na construção do sujeito “não implicava que se poderia instrumentar uma prática política a partir das marcas simbólicas imprimidas na subjetividade” (Ibidem, p.105). Birman então diz que o papel da psicanálise socialmente será outro, cita a vertente freudomarxista como exemplo, como Reich e Fromm buscavam uma complementaridade entre o marxismo e a psicanálise de forma que o discurso psicanalítico seria utilizado com o intuito de entender melhor o procedimento da ideologia consolidar-se na subjetividade, especialmente nas classes dominadas.

Apesar de reconhecer a importância de alguns conceitos de Reich, Joel Birman critica essa vertente, afirmando que Reich tenta equiparar elementos psíquicos aos sociais, fazendo com que os conceitos psicanalíticos se tornem totalizantes no meio social. Estende essa crítica a Marcuse, que apesar de conjecturar habilmente uma crítica a como as individualidades desfiguram-se no atual sistema socioeconômico, propõe o discurso psicanalítico por si só um instrumento de libertação social. O autor reitera que diante dessa totalização a psicanálise ao invés de analisar o contexto intersubjetivo do sujeito, ela passaria a analisar a sociedade como um todo, que não é seu papel (1994, p.103-104). O

freudomarxismo também conjectura uma sociedade sem antagonismos por via da análise, uma interpretação desmedida, afinal o próprio Lacan afirma:

Que não me façam dizer que penso que a análise universal é a fonte da resolução de todas as antinomias, que se analisarmos todos os seres humanos não haverá mais guerras, lutas de classe. Digo formalmente o contrário. Tudo o que podemos pensar é que os dramas talvez fossem menos confusos. (Lacan em entrevista ao jornal L'Express, 1957)

Com isso em mente torna-se relevante perguntar: afinal quais os efeitos da psicanálise na política, senão como forma de cosmovisão (*Weltanschauung*)? Birman escreve que a psicanálise freudiana nunca teve interesse em se tornar um projeto de regeneração da sociedade, uma proposta de salvação cultural. Afinal de contas, um dos fundamentos da psicanálise é o conflito infundável do sujeito contra a ordem cultural, ordem esta que tem papel determinante na organização pulsional (BIRMAN, 1994, p.107). O autor afirma então que esses efeitos vindos da ordem cultural se dão “na medida em que [o ato analítico] se choca com as ideologias fundamentais da nossa modernidade”. A dar exemplo cita a ruptura da psicanálise com o saber psiquiátrico ou até mesmo como coloca em evidência a singularidade do sujeito, fazendo com que a atuação na saúde mental saia do lugar-comum das soluções normativas, já que estas últimas são criadas com o intuito de servir a ordem social regente. A dinâmica da psicanálise não pode ser a da pregação normativa, se assim fosse, o discurso psicanalítico se tornaria pedagógico e a análise se tornaria uma relação egoica (Ibidem, p.109). A ruptura da posição de detentor de poder, a conhecida “ignorância doutra” como nomeava Lacan, é essencial para o ato analítico e serve de exemplo de rompimento com a ideologia dominante. Como afirma Birman: “a singularização exigida na relação analítica implica ambos os protagonistas de maneira tão radical que não existe a presença de nenhum discurso normativo a que o psicanalista possa apelar com a finalidade de se proteger do impacto dessa experiência” (Ibid, p.108).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que as teorias apresentadas possuem em comum o reconhecimento da ideologia política vigente, seu nome muda ao longo dos teóricos (neoliberalismo, Ideologia burguesa, discurso do capitalista, neopositivismo, etc.), mas falam essencialmente de uma mesma coisa. Um discurso voltado pro capital emerge e apodera-se de vários aspectos da vida humana. Todas as teorias apresentadas reconhecem também que a psicanálise caminha na contramão dessa ideologia normativa propulsionada pela mola econômica do capitalismo. Identificar a função da psicanálise nisso tudo é que vai causar opiniões divergentes, pois há a indagação sobre como a psicanálise interfere no campo da política. Marcuse por exemplo acreditava que psicanálise por si só bastava para mudança social, outros acreditavam que ela No entanto, considerando o que foi idealizado por Freud e Lacan, assim como observando os efeitos da prática da psicanálise, vê-se que ela não é uma solução política nem nunca teve a intenção de ser. O que a psicanálise oferece de verdade é um campo de conhecimento e uma possibilidade clínica que foge ao discurso normativo, este por sua vez prezando pela eficiência econômica. Os fundamentos trazidos por Lacan evidenciam os danos dos discursos propagados pela economia, e traz em contrapartida o discurso do analista que por sua vez

quebra com qualquer tipo de domínio hegemônico, sendo o direto oposto do discurso do mestre. O campo psicanalítico não oferece uma cosmovisão de um novo mundo, no entanto não deixa de ser profundamente importante na área da saúde mental pois oferece ao sujeito um percurso diferente do corriqueiro a seguir. A psicanálise tem o mérito de ser uma saída da ideologia dominante não apenas pela sua construção de uma prática clínica voltada para o sujeito, mas de erguer um viés teórico que em seu fundamento é desajustado da lógica vigente, fazendo o que a psicanálise sempre fez ao longo da história: perturbar a norma.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan - Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

ADORNO, Theodor. A psicanálise revisada. *In*: ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015a.

ADORNO, Theodor. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. *In*: ADORNO, Theodor. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015b.

BIRMAN, Joel. Psicanálise e política: uma introdução metodológica. *In*: BIRMAN, Joel. **Psicanálise, Ciência e Cultura**. 1994. cap. 7, p. 97-110.

COELHO, Carolina. Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. **Mental**, p. 107-121, jun. 2006.

FRAZÃO, Dilva. Wilhelm Reich: **Biografia de Wilhelm Reich**. *In*: Ebiografia. [S. l.], 6 set. 2017. Disponível em: https://www.ebiografia.com/wilhelm_reich/#:~:text=Em%201933%20publicou%20%E2%80%9CAn%C3%A1lise%20do,em%20Copenhague%20e%20em%20Oslo. Acesso em: 5 jul. 2022.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 18**: Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Imago, 1937-1939.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE E OUTROS TEXTOS**. 1930. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-18-1930-1936.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

FREUD, Sigmund. **PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU E OUTROS TEXTOS**. Companhia das letras, 1920-1923.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Volume 11**: Totem E Tabu, Contribuição À História Do Movimento Psicanalítico E Outros Textos. Companhia das letras, 1912-1914.

GOMIDE, Ana Paula de Ávila. **Psicanálise e Teoria Social à luz da teoria crítica de Theodor W. Adorno**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 120-133, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 03 Nov. 2020.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, 1992.

LAVRAPALAVRA. **Entrevista de Jacques Lacan ao jornal L'Express**. Entrevista original em *31 de maio de 1957* Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2021/04/13/entrevista-de-jacques-lacan-ao-jornal-lexpress/>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma filosofia do pensamento de Freud**. 6. ed., 1975. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/b6/Marcuse_Herbert_Eros_e_civilizacao_6a_ed.pdf. Acesso em: 19 nov. 2020.

REICH, Wilhelm. **Materialismo Dialético e Psicanálise**. 3. ed. Presença, 1977.

SAFATLE, Vladimir; DUNKER, Christian; JUNIOR, Nelson (org.). **Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico**, 2021.

AGRADECIMENTOS

À meus companheiros de abordagem Dandara, Lisa, Ênio, Álvaro e Thamyres, que criaram um espaço muito agradável pra se falar sobre psicanálise. Sou grata por tudo que tivemos juntos, desde experiências de estágios até as conversas infinitas de madrugada com inúmeras viagens psicanalíticas.

Um agradecimento especial a Dandara, que viveu essa jornada do TCC junto comigo, e que me reconfortou sempre que precisei. Compartilhamos das dores e empecilhos, espero que compartilhemos agora as conquistas de um futuro melhor.

À Edivan pela orientação, mas especialmente pela experiência de estágio que me proporcionou antes. Ela mudou tudo e me fez ter certeza que a psicanálise era o caminho para mim.

À Luiz, que é meu analista. E isso por si só já é muita coisa.

À Pedro, que provavelmente foi a origem de todo meu interesse em estudar política e que me deu o livro que me permitiu ver com mais clareza o que eu queria escrever nesse trabalho. Mas acima de tudo por ser meu melhor amigo, até hoje.

À Carol e a Cecília, a quem sou grata por todo o apoio, conforto e anos de risos. Nós crescemos juntas e eu não poderia ter escolhido melhor companhia.

À Daniel que é apaixonado pelo tema do meu TCC e me lembrou várias vezes que sou também. Agradeço também ao fato de que desde o dia em que o conheci não foi nada menos que um grande amigo pra mim.

À Davi que me coloca um sorriso no rosto todos os dias e é o melhor irmão que eu poderia ter.

À Bianca que acreditou em mim muitos anos antes de eu começar a acreditar em mim mesma. Mesmo a sete mil quilômetros de distância, nunca deixou de segurar minha mão.

À Cacau que ficou quietinha por horas no meu colo enquanto eu escrevia esse trabalho e que preservou minha saúde me fazendo sair do quarto pra passear com ela.

À Marx e a Mao, que lutaram pelo povo e com o povo.

E finalmente, agradeço a Freud e a Lacan, que falaram coisas tão absurdas que precisei estudar psicanálise para respaldar meu ódio. No caminho acabei me apaixonando.